

CLAIRE CORBETT

O IMPÉRIO DAS ASAS

Tradução de Raquel Lopes



1

VOO

Peri circula por cima da baía, de cabeça para baixo, à caça, com o vento a uivar-lhe pelas penas.

– Luisa! ... *Luisa!*

Não chama mais. Um ácido frio cai-lhe no estômago, consumindo-a. Hugo gira a cabeça, inquieto, como se sentisse o medo dela a crescer como uma onda a recuar no mar, a ganhar força, a enrolar-se. Peri passa um braço à volta dele, embora ele já esteja bem seguro junto ao seu peito, no porta-bebés.

A Baía de Erva Salgada estará deserta, dissera Luisa. *Vai lá ter comigo. Por favor. Não contes a ninguém.*

Há outras, dissera Luisa.

Luisa parecia preocupada e zangada e assim, porque é sua amiga, sua irmã, e porque nos meses que se passaram desde que se conheceram lhe tem dito coisas verdadeiras e importantes sobre as vidas delas, Peri encontrar-se-á com ela na Baía de Erva Salgada. Mas o telefonema de Luisa, a insistência quanto a guardar segredo, deixa Peri pouco à-vontade.

Peri tinha saído naquela manhã, com Hugo ao colo, mentindo ao pai e à mãe do bebé, embora não lhes tivesse dito palavra. Não havia qualquer motivo para que pensassem que não ia levá-lo ao parque. Ela mal fala com eles, com qualquer um deles, ultimamente.

Mais um circuito em redor da baía. Mais baixo. Não está deserta. Por baixo de Peri uma grande figura cinzenta, uma foca que deu à costa rebola-se para trás e para a frente nas ondas pouco profundas.

Não é uma foca.

Peri aterra pesadamente e tropeça pela areia. Fica com o rosto exangue, sente-se tonta, está a perder os sentidos, tem cuidado, vira-se de lado para não esmagar Hugo. Num abrir e fechar de olhos está outra vez de pé, a caminhar em direção àquilo que se tenta convencer ser um monte de algas, ou que tenta ver como um tronco submerso, mas que sabe tratar-se do seu maior receio tornado realidade à luz da manhã: ondas a embater no corpo de uma mulher, cujas asas estão tão ensopadas que a maré frouxa não consegue nem empurrá-la para a areia nem puxá-la para o mar. Peri conhece aquelas asas de um cinza pálido. Luisa.

Cai de joelhos junto à cabeça da amiga, arqueando as suas próprias asas para que não toquem na água. Não pode molhar as penas. Não há tempo para as secar, agora não.

A boca de Luisa verteu sangue. Peri sente o sabor a bÍlis. Debruça-se para proteger Hugo e vomitar para o mar.

O que aconteceu? Luisa caiu – não, foi *arrancada* – dos céus. É uma boa voadora, aquilo não foi um acidente. Olhem para ela! A minha irmã, mais velha e desenhencilhada, destruída na rebentação da Baía de Erva Salgada. Com a pele tão, mas tão branca, o cabelo alagado, pesado como algas.

Peri ajoelha-se ali, no mar frio, tonta e maldisposta, ainda com um braço à volta de Hugo, a outra mão a tocar na face de Luisa, que tem a pele à temperatura gelada da água da baía. Peri bochecha e cospe sal e vómito.

A pele baça de Luisa está a ficar de um emaranhado de azul e vermelho. *Há quanto tempo morreste? Porquê? Porquê?* Quem faria isto? O que me queria ela dizer? É por isso que está morta?

Peri afasta o cabelo do rosto de Luisa, fecha-lhe os olhos. Um momento. A custo, levanta-se. O sol vai brilhando mais à medida que se ergue. Daqui a uma ou duas horas a praia será um alto-forno: areia a arder, um espelho de água.

A vaga de medo que estava a recuar e a crescer no mar começa agora a aproximar-se dela, a rebentar, fria e pesada, a deixá-la sem fôlego, a submergi-la.

Se Luisa sabe alguma coisa – *sabia* alguma coisa – que lhe provocou a morte, então e eu? Oh, Luisa, para que me arrastaste para aqui? Eles sabiam que tu vinhas cá, pelo que têm de saber que *eu* também vinha. Se julgam que sei o que quer que tenhas descoberto, também morrerei. Eu *não sei*, mas isso de nada servirá. Já é suficientemente mau ter-te visto aqui.

Peri perscruta o horizonte, mas tanto a praia como o céu estão vazios. Voa, *agora*. Voa para casa. Onde é isso, agora? Onde ficarei a salvo? Torna a olhar para Luisa e vê que ela não está a usar o seu porta-bebés. Não a surpreende. Quem quer que fosse que a assustava sabia do seu implante; ter-se-ia assegurado de que a bebé Amy não estava com Luisa quanto esta caiu.

Empurra Luisa para o mar, cobre-a de areia, dá-lhe uma espécie de enterro; não a abandones aqui, como se fosse outro pedaço de lixo emaranhado em algas, como as medusas moribundas ao longo da linha de rebentação. É impossível. Ela é demasiado pesada e não há tempo. E ela deve ser encontrada, não escondida.

Peri sente a garganta a arder por causa da bÍlis que vomitou e tão apertada que lhe custa engolir. Desata a correr pelo areal, a tragar ar. Precisa de toda a força que tem para correr à velocidade suficiente para descolar. Não há tempo para escalar o desfiladeiro e lançar-se de um local mais elevado. Alguém poderá estar à espera, se sabiam que Luisa se ia encontrar comigo aqui. *Não digas a ninguém*. Não percebi porque seria isso tão importante. *Há outras*. O que quer isso dizer?

Peri já está a voar, o corpo de Luisa fica para trás, uma figura que se reduz no mar.

Desculpa. Luisa. Minha única amiga, minha única irmã. Nem me atrevo a dizer a alguém que estás aqui. Fugiste daqueles fanáticos que te guardavam, de uma infância similar a uma pena de prisão naquele complexo; escapaste à Cidade, como eu. E olha só para ti agora.

Luisa não quereria saber do corpo de Peri nem por um minuto se isso colocasse a sua vida em risco. O que *faria* Luisa? Peri voa mais alto, plana, volta para casa. Não, não para casa. A casa de Peter não é a sua; nunca foi. Fugirá. Não, *voará*.

Para onde posso ir? Os pensamentos de Peri voam mais depressa do que as suas asas, aceleram tanto, enquanto ela tenta decidir o que

fazer em seguida, que quase falha a plataforma de aterragem no topo do desfiladeiro da casa dos Chesshyre, cambaleia e embate na parede de rocha, a bater as asas para recuperar o equilíbrio e com as penas a restolhar com o som de algo a morrer, de folhas secas num vento outonal. Arquejando com falta de ar, tenta tranquilizar Hugo. Calma. Respira. Não dá para voar em segurança assim. Não dá para voar de todo. Olha para trás: pontos escuros, outros voadores, um ou dois por cima de si, alguns ao longe. Estão a aproximar-se? Tem o coração acelerado por causa do voo e do medo.

Um martelar de patas dentro da casa. Um míssil dourado lança-se contra a porta. *Frisk*. Apoiase nas patas traseiras e arranha a ombreira.

Peri abre a porta e fica à escuta. O riacho na sala de estar corre com muito barulho, o único som que se ouve para além da respiração de *Frisk* e das fungadelas de Hugo. A casa está tranquila, numa calma que lhe é tão familiar. Peter e Avis não estão; conhecendo-os, sabe que podem regressar daqui a alguns minutos, algumas horas, alguns dias.

Ela e Hugo não estão a salvo aqui. Ela pode ter sido seguida. Deverá esperar que Peter e Avis voltem? Não. Mesmo com eles não ficará em segurança, pois não lhes poderá contar nada. Eles não sabem de Luisa, ficarão zangados com ela por lhes ter mentido. E, de qualquer forma, como poderão protegê-la, se ela não faz ideia de quem terá matado Luisa ou porquê? Quereriam sequer protegê-la? Não, livrar-se-iam dela de imediato e Peri ficaria vulnerável e sozinha. Seriam capazes de a trair sem querer se ela não lhes dissesse o que aconteceu. Seriam capazes de a trair de propósito se ela o fizesse.

Peri muda a fralda a Hugo e deita-o no berço. Hesita ao olhar para ele. Aquela distância entre as têmporas, tão linda. Debruça-se, dá-lhe um beijo na face. Ele respira-lhe para a boca, com aquele hálito puro de bebé que cheira apenas a água. Peri endireita-se. Avis não hesitaria em traí-la. Está prestes a enviar o seu próprio filho para longe, a bem da segurança dele – é tão frequente fazerem-nos coisas más para nosso próprio bem, não é, Hugo? –, pelo que já não precisa de Peri. E aqueles voadores ricos mantêm-se juntos. Não tem a quem recorrer. Ninguém pode ajudá-la.

Peri corre até ao quarto e *Frisk* galopa a seu lado e fá-la tropeçar. Ela pontapeia-o para o afastar. *Sai da frente*. Tem de pensar com clareza. Do que precisa?

Impávido, *Frisk* salta para a cama dela enquanto ela saqueia o quarto. A sua cinta, que é a única bagagem que pode levar, tem de suportar o Aquapad, o pano de água que transporta quando voa, tiras de energia e uma lanterna mais pequena do que o seu dedo. *Frisk* abocanha uma almofada, rosna e resmunga-lhe como se fosse um coelho. Peri quase sorri.

Com tudo o que é essencial na cintura, Peri veste o fato de voo, que não pesa praticamente nada e é indispensável para um voo longo; mantê-la-á quente e cortará a resistência do vento. O material é amarelo fluorescente, bom para uma principiante, destacando-a nos céus para sua própria segurança. Agora precisa mesmo de camuflagem, mas não tem escolha. Caríssimo, aquele fato é o único que tem.

Hugo está a protestar. Ela nunca o deixa sozinho. *Frisk* desaparece e vai para o quarto do bebé. Hugo cala-se.

Peri olha à sua volta, revirando o anel fino de prata que usa sempre. Aquela divisão é mais pequena do que o quarto de vestir de Avis, mas tem umas portas duplas que dão para o jardim verde onde ela costumava brincar com Hugo. É, de longe, o espaço mais belo que alguma vez habitou e, ainda que não seja a *sua casa* – alguma vez terá tido um sítio assim? – a perda irá magoá-la, como se se separasse de uma camada da própria pele. A extensão estreita é iluminada por pinturas e fotografias de que Peter se fartou: a divisão não passa de um quarto de arrumos para as coisas que ele pôs de parte. Ergue o olhar para a fotografia em tons de azul de uma praia de areal branco e mar verde, da artista preferida de Peter, uma voadora chamada Andy Silver. Não vai levar *aquilo* consigo.

No poço central da casa, Peri olha para a galeria alta onde ficam os quartos de Peter e Avis, aposentos que lhe estão vedados, a si, a ama que mora no piso térreo com Hugo. Sem escadas, não há forma de subir a menos que se voe, pelo que aqueles quartos também estão vedados a Hugo. Nunca os verá, não agora, que os pais desistiram dele. Deve haver algo que possam fazer com ele, com todo o dinheiro

e esperteza que têm, mas não, limitaram-se a paralisar assim que viram os resultados dos testes. Não compreendo; sou eu quem não tem dinheiro nem educação, não sou sequer mãe dele e lutarei mais por ele do que eles alguma vez farão.

Avis foi a primeira a recuperar, a primeira a decidir que, quanto mais depressa fizessem alguma coisa, mais feliz ele seria. Outras famílias tinham feito o mesmo, disse ela. Este lugar não é seguro para ele, gritou Avis a Peter. Peri tinha ficado deitada na cama, com o sangue a retumbar-lhe nos ouvidos, enquanto ouvia Avis a gritar com Peter na cozinha na noite em que os resultados chegaram. Claro que Peri não vira o relatório. Apesar de cuidar de Hugo durante todo o dia, não tinha o direito de saber. Tentava não respirar enquanto se esforçava ao máximo para ouvir. Qual seria o problema dele?

Não queres saber?, bradava Avis. Importas-te de olhar para aquele precipício, para a porra do *abismo* à frente da nossa casa? Acorda, Peter! Foste *tu* quem desenhou esta casa, foi construída só para voadores, o teu filho pode partir o pescoço de uma centena de maneiras. Não tem para onde ir brincar, nenhum sítio que possa explorar, e vai começar a *andar* dentro de semanas, Peter. Vai ter de ser vigiado durante os segundos. Ao longo de anos. E vamos ter de confiar a segurança dele, durante todo o dia, àquela... àquela *maldita* rapariga. Não podemos fazer isso. Ele precisa de estar com uma família de não-voadores. Só durante alguns anos, Peter. Só até conseguirmos tratá-lo. Até podermos ter a certeza de que ficará *seguro*.

Agora, Peri lança-se no ar, elevando-se com umas quantas batidas de asas para chegar ao patamar e correr até à grande casa de banho de Avis e Peter, que o sol ilumina. Não deveria ter visto aquele espaço. Estremece; o corpo trai-a por mais que ela diga a si mesma que não deve pensar nas coisas que Peter fez. De nada serve tornar a pensar nessas coisas, agora que tem asas. Bem, Peter decerto nunca se preocupou com a segurança *dela*. Tinha-lhe colocado a vida em risco muitas vezes.

Talvez Hugo fique a salvo se o mandares embora, Avis. Mas já não será teu. Sê-lo-á, mesmo agora, se és capaz de pensar fazer isso? Peri quisera correr até à cozinha, implorar *deem-me atenção*. Eu sei como é. Não receberão a mesma criança que enviaram para longe.

Mas *eu* estou aqui, Hugo. Se a tua mãe te mandar embora, irei à Pequenos Anjos, talvez eles me mandem para a nova família, assim continuaria a poder cuidar de ti.

A casa de banho é maior do que Peri se lembrava, só o duche é do tamanho do seu quarto. Não há banheira; em vez disso, uma piscina rebaixada, rodeada de bancos de pedra debaixo de água. Musgo, macio e verde como algas, cresce à volta da piscina; é macio e resistente, absorvendo água, vapor e tudo o que se derrama: sabonete, pó de segurança, perfume, *sprays* e loções. Emanam a cor mais cintilante da divisão pálida, à exceção dos frascos de pós e brilhos de asas de Avis, que se amontoam em torno dos lavatórios em todos os tons de azul, verde e rosa. Empatando, receosa do que tem de fazer, Peri debruça-se para ler os rótulos dos frascos. Os pós rebrilham, cada um com o seu nome exótico.

Põe-se de cócoras. O que procura tem de estar ali. Ao abrir o armário por baixo dos lavatórios, é com alívio que encontra os medicamentos alinhados: conjuntos antipressão Aileronac, quadrados azuis de Opteryxin, embalagens sem fim do gel roxo Zefiryln. Peri abana a cabeça. O Zefiryln é tão caro; o que está ali chegaria para lhe pagar o ordenado nos próximos anos. Andará Avis a armazenar aquilo? Agarrando no suficiente para alguns meses, Peri vai remexendo nos remédios até encontrar frascos de *spray* analgésico e de pele nova.

Ofegante, levanta-se e enfia os medicamentos preciosos na cinta. Dobra o cós dos calções, enrolando a carne da nádega entre os dedos. Pronto, aqui está, aquela lasca mais pequena do que um grão de arroz colocado bem em baixo da sua pele. Uma flecha de raiva atravessa-a.

Puseram-me um dispositivo de localização e *eu nem sabia*. Que estúpida fui. Não fazia ideia até Luisa me ter avisado. A família dela fez-lhe o mesmo. Peter e, sobretudo, Avis, não confiavam em mim. Não vale a pena fingir que não é assim – para eles, sou menos do que um cão. Estou *marcada*. *Chipada*. E, segundo Luisa, o dispositivo faz mais do que apenas localizar; se voar para demasiado longe ou se, a qualquer altura, Peter ou Avis o quiserem fazer, podem arrancar-me do céu como se tivesse sido alvejada. Pobre Luisa. Deverias ter seguido o teu próprio conselho. Obviamente, não estavas a

tentar fugir, ainda não, caso contrário terias feito o que eu vou fazer em seguida. *Cretinos*.

Ah, é boa, a raiva, impede-me de paralisar de medo. Como se atrevem a fazer isto? Como são *capazes* de mandar Hugo embora? *Cretinos*.

Antes que se aperceba do que está a fazer, Peri vira-se com uma asa estendida e varre os pós de Avis da prateleira para o chão. Quando os frascos se estilhaçam, cores brilhantes espalham-se, formam poças, pingam. Encarnado Gerânio e Verde Cinábrio misturam-se com Azul Céu Profundo e Violeta Cobalto, deixando o musgo a reluzir com brilhos e vidros. Peri sorri, imaginando a fúria de Avis. Aqui está uma porcaria que não limparei.

Luisa dissera-lhe onde seria mais provável que o dispositivo de Verificação de Voo tivesse sido escondido e, sem dúvida, quando ela chegara a casa nesse dia tinha apalpado a área e encontrara-o, aquela coisa minúscula e traiçoeira, enterrado em si. Como se devem ter rido, Peter e Avis, instalando-me isto sem que eu soubesse. O que quer que ela faça agora será merecido.

Quando teria sido implantado? Tinha havido algumas oportunidades. Na altura em que lhe fizeram a primeira operação para as asas? Ou antes?

Uma batida seca e ligeira na sala de estar no piso térreo. Peri imobiliza-se, à escuta do roçar de penas. Um intruso? Será que alguém a seguiu? Oh, deus, se me encontram aqui, o que farão? Vão arrançar-me as asas e atirar-me ao mar. O cabelo escuro de Luisa, a fluir como algas. Peter não poderá ter voltado já, pois não? É tão difícil saber onde param os voadores, apanham-nos num abrir e fechar de asas.

Peri apressa-se a ir até ao patamar. Lá em baixo, *Frisk* olha para ela, no meio dos almofadões que derrubou.

– Vai-te embora, *Frisk*, sua coisa grande e estúpida.

Peri dá um salto até à sala de estar, corre para o escritório de Peter, com vista para o mar. Mais uma coisa. Espalha táteis¹ pelo enorme

¹No original: *slick*. Termo inventado pela autora para se referir a dispositivos que podem ser telemóveis, *smartphones*, *e-readers*, cartões de visita, cartões de crédito, aparelhos de GPS, documentos de identificação, ecrãs publicitários ou computadores de secretária, dependendo do contexto. (*N. da T.*)

tampo da secretária, abre gavetas e despeja o que contêm. Um vislumbre de vermelho, enterrado numa das gavetas inferiores. Tira-a de lá, uma rosa sólida, a sua prenda, e gira-a nas mãos. *Seu cretino*. É claro que a escondeste. Luisa quase se rira dela, quase chorara por ela, quando Peri lha mostrara. *Ah, não, não, não*, dissera ela. É a história mais velha que existe, minha querida. Ainda não sabes o que ele é, o que ele fez?

Peri encontra o que procurava e quase corta o dedo ao agarrá-la, à lâmina que Peter usa para cortar os táteis do tamanho de que precisa. Tremem-lhe as mãos. Baixa os calções e vira-se para vaporizar o analgésico na pele. É um sítio difícil de alcançar; vai ter de se escavar mais do que seria necessário. Pele, gordura e músculo separaram-se como seda apodrecida. Com a dor ardente, deixa escapar um grito. O *spray* tem um efeito limitado mas faz com que a dor pareça remota.

Hugo chora e o som agudo chama-a.

Corre-lhe sangue quente pela perna. Ela vai remexendo na própria carne, como se tentasse remover uma lasca profunda. Cá está. Tira o dispositivo, lança-o para longe. Tapa o corte com nova pele antiséptica.

Atira a faca ainda a pingar para a secretária, sentindo uma satisfação morna quando o seu sangue salpica o vasto esboço da nova torre de Peter e lhe escorre da perna para o chão polido. Como ele odiará esta profanação do seu espaço de trabalho. Pois que descubra a porcaria de manhã. Nessa altura, será a menor das preocupações que terá.

Por um momento, Peri deixa o olhar vaguear pelos desenhos, pósteres e quadros nas paredes do escritório como se nunca os tivesse visto. Aquele desfiladeiro azul como gelo à sua esquerda, a igreja; que impressionada ficara quando fora para aquela casa, ao descobrir que tinha sido Peter quem a projetara. A igreja havia sido o seu ponto-guia ao vir da Terra-RuR, era o único marco que ela reconhecia quando chegara à Cidade pela primeira vez.

O seu primeiro dia na Cidade. Recebera um visto temporário – obrigada, Mama’lena – e estava determinada a nunca partir, a não tornar a ser atirada de volta à área selvagem. Ali, sob a sua pele,

encontra-se outro implante, um implante que ela verifica compulsivamente, dez, vinte vezes por dia. O da autorização permanente de residência na Cidade. Onde quer que vá, podem passar-lhe revista e o visto confirmará que é uma residente legal da Cidade. Andara eufórica durante semanas depois de o ter. Já não podem deportar-me.

Hugo está a chorar. O músculo ferido de Peri arde-lhe enquanto ela corre para o quarto do bebé.

Ele tem fome, já está farto de chuchar nas mãos, tem o rosto vermelho de tanto gritar. Ela pega-lhe ao colo, sente-lhe o coração a pulsar, aquela pequena vida que bate contra si e se vai acalmando ao encostar-se ao seu peito quando ela o aninha para o amamentar. Ele mama a olhar para os olhos dela. Voar, voar, voar. Tenho de partir, mas como posso fazê-lo? *Por mais que Avis me odeie, por mais que Peter agora me ignore, nunca pensei abandonar-te, nunca.*

Ela observa as coisas lindas de Hugo, o globo terrestre primoroso que é o móbil pendurado por cima do berço. Também vais perder tudo isto, Hugo.

Não posso deixar-te aqui, sozinho. Sobretudo agora. Pode vir alguém à minha procura e encontrar-te a ti. Com uma mão, já que a outra está a amparar o bebé, saca do tátil. Telefonar a Peter, implorar-lhe que venha já para casa.

Ele não atende. *Deixa uma mensagem.* Ela hesita.

Da última vez que lhe deixara uma mensagem, ele tinha demorado três dias a responder.

Chamada terminada.

Peri fita o ecrã apagado. Oh, deus, nem tinha pensado nisso. Deixa-o cair no chão. Não pode levá-lo. Poderia ser usado para a localizarem. Nada seria mais simples.

O corpo de Luisa, a rolar ao sabor das ondas.

Frisk entra silenciosamente no quarto, salta para o banco ao lado de Peri e enfia o focinho debaixo da mão dela. Ela acaricia-lhe o nariz, enquanto urge mentalmente Hugo a acabar de mamar. Depressa, Hugo. *Por favor.* Olha para o relógio de parede; todos os segundos contam. Olha para os olhos cor de âmbar de *Frisk*. *Vou ter saudades tuas.*

Hugo afasta-se e sorri. «Pah», diz ele, com os olhos a arregalarem-se por causa do pequeno som explosivo que produz. «Pah-pah-pah».